

Movimentos sociais e periferia: Memórias de militantes da favela do Cerro Corá-RJ

Social movements and underprivileged urban areas: Memories of militants from the Cerro Corá favela in Rio de Janeiro

Liliam Cristina e Souza¹, Sílvia Maria Melo Gonçalves²

Começar esse artigo. SOUZA, L. C. GONÇALVES, S. M. M. Movimentos sociais e periferia: Memórias de militantes da favela do Cerro Corá-RJ. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 16, n. 1, p. 350-367, jan./abr. 2025.



Resumo

Este estudo parte da concretude da experiência social na periferia do Rio de Janeiro, para compreender as transformações na vida dos militantes que se envolveram nas lutas sociais durante o período de 2013 a 2023. O artigo tem como objetivo analisar as mudanças que o movimento social gerou na experiência de vida dos militantes, a partir das memórias de três moradores da favela do Cerro Corá (RJ) que lideraram a organização popular do seu território, através do coletivo "Moradores em Movimento" e do movimento social "Levante Popular da Juventude". A pesquisa tem abordagem qualitativa, por meio de entrevista semi-estruturada, na qual as respostas foram construídas e interpretadas a partir da narrativa autobiográfica. Os resultados abarcam as mudanças pessoais e sociais dos militantes nos seguintes aspectos: novas percepções subjetivas de suas identidades e do contexto social; conquistas individuais e coletivas e expectativas de futuro.

Palavras-chave: movimentos sociais; periferia; memória social.

Nota da Editora. Os artigos publicados na Revista Mosaico são de responsabilidade de seus autores. As informações neles contidas, bem como as opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras ou de suas Revistas.

Abstract

This study starts from the tangible social experience in the outskirts of Rio de Janeiro to understand the transformations in the lives of activists who became involved in social struggles from 2013 to 2023. The article aims to analyze the changes that the social movement generated in the life experiences of activists, based on the memories of three residents of the Cerro Corá favela (RJ) who led the popular organization of their territory through the collective "Moradores em Movimento" and the social movement "Levante Popular da Juventude". The research adopts a qualitative approach, using semi-structured interviews, in which the answers were developed and interpreted based on autobiographical narratives. The results encompass the personal and social changes of the activists in the following aspects: new subjective perceptions of their identities and the social context; individual and collective achievements; and expectations for the future.

Keywords: social movements; periphery; social memory.

Afiliação dos autores:

¹Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Especialista em Educação em Direitos Humanos pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

²Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGPsi/UFRRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

E-mail de correspondência: liliampsicologia@gmail.com

Recebido em: 06/04/2024. Aceito em: 20/03/2025.

Introdução

A partir do ano de 2013, três jovens militantes da favela do Cerro Corá – RJ lideraram uma organização popular a fim de preservar a memória de seus moradores, valorizar a cultura do seu território e realizar ações pautadas na promoção dos direitos sociais. Estas ações se estruturaram através do coletivo “Moradores em Movimento” e do “Levante Popular da Juventude”, gerando transformações psicossociais na vida dos militantes envolvidos e do tecido social comunitário. Nesse contexto, este estudo propõe a reconstrução da memória social acerca da origem do coletivo “Moradores em Movimento” e o início da articulação dos jovens com o movimento social “Levante Popular da Juventude”.

O objetivo principal deste trabalho consiste na análise de como os três líderes da organização popular da favela do Cerro Corá – RJ avaliam as transformações pessoais e mudanças sociais possibilitadas após dez anos de militância no Movimento Social “Levante Popular da Juventude” e no coletivo “Moradores em Movimento”. Tais mudanças abarcam as novas percepções de suas identidades e da realidade ao seu redor, suas conquistas individuais/coletivas e reflexões sobre suas expectativas de futuro.

Quanto ao método, esta pesquisa utilizou a narrativa autobiográfica para o levantamento e interpretação dos dados. Os militantes escolhidos para as entrevistas foram os jovens que lideraram o processo de organização popular na favela do Cerro Corá durante o período dos anos de 2013 a 2023. Assim, a análise dos resultados foi construída por meio da categorização temática dos relatos dos depoentes e discutida junto ao referencial teórico baseado em estudos no campo da psicologia social latino-americana.

A estruturação das entrevistas foi organizada com o objetivo de resgatar as memórias da organização popular após dez anos de militância. Deste modo, os participantes escolhidos foram os moradores envolvidos na liderança do coletivo “Moradores em Movimento” e os responsáveis por apresentar o “Levante Popular da Juventude” aos jovens do morro, desenvolvendo projetos sociais e trabalhos de base junto à comunidade. Devido ao cenário pandêmico, as entrevistas foram realizadas individualmente através da plataforma Google Meet. O roteiro da entrevista semiestruturada foi composto por duas perguntas disparadoras. A primeira questão explorava relatos acerca da trajetória pessoal dos militantes no coletivo “Moradores em Movimento” e no movimento social “Levante Popular da Juventude”. Por seguiante a segunda indagação perscrutava quais foram as transformações pessoais e mudanças sociais possibilitadas através da participação dos jovens nas lutas sociais.

Nesse sentido, este artigo se desenvolve em cinco etapas, a saber. A primeira parte abrange a apresentação da perspectiva crítica de Menegat (2008) acerca do presente contexto histórico de crise estrutural do capital, e como tal cenário afeta a organização dos movimentos sociais. A segunda fase busca discutir a influência do movimento social na vida da juventude, tecendo considerações a respeito do “Levante Popular da Juventude”, nas esferas da história, formação e prática da referida militância, sob os prismas de Lauerman (2020) e Filho (2021). A terceira etapa propõe abordar os reflexos do movimento social na vida do indivíduo, por meio do diálogo entre Martín Baró (2011) e Silva Lane (1989) sobre a relação do indivíduo e a sociedade. Logo depois, discorremos sobre a construção teórica de Eclea Bosi (2012) para compreender o papel da memória social na organização popular. A secção final desse artigo apresenta as entrevistas com as respectivas análises dos resultados e, por fim, as considerações finais.

O tempo histórico e a intensificação da crise estrutural do capital

A crítica da economia política realizada por Menegat (2008) nomeia o tempo histórico da pós-modernidade como “barbárie”. Tal elaboração se relaciona a novo período do capitalismo, desde meados dos anos 1970, que representa a maturidade do sistema e o início de sua crise de expansão (Menegat, 2008). Ao alcançar o limite máximo de dominação, revela-se a crise estrutural do capital, impulsionada pela terceira revolução tecnocientífica, que se generalizou nas décadas de 1970-1980 (Menegat, 2008).

A estrutura do modelo produtivo fordista foi sucedida por sistemas automatizados de produção, o que acarretou a mudança permanente no processo de produção (Menegat, 2008). Por essa razão, “esta

nova tecnologia permite desdobrar uma série de procedimentos mecânicos da produção, que antes dependiam da mão humana, entregando-os a robôs ou máquinas automáticas" (Menegat, 2008, p.2). Dessa perspectiva, "a substituição em larga escala do trabalho vivo pelo trabalho morto produz uma massa cada vez mais ampla de seres humanos em condição permanente de desemprego" (Ferreira, 2013, p.9).

O capitalismo em ruínas se evidencia na impossibilidade de incorporar ao sistema a massa sobrante de força de trabalho, desse modo, é impedida a ampliação do campo de atividades humanas concretas que produzem valor (Ferreira, 2013). Diante de tal conjuntura, revela-se o desemprego estrutural e a impossibilidade de as camadas populares serem reincorporadas ao trabalho formal, isto é, sem condições objetivas de sobrevivência, as massas não encontram, por parte do Estado, solução política para a crise (Ferreira, 2013). Então, "sem os recursos dos impostos para financiar a reprodução social e sem força para confrontar as corporações, ele vai sendo reduzido em suas funções justamente no momento em que surgem novas demandas e necessidades de efetivação da vida social" (Menegat, 2008, p.4).

Em face dessa conjuntura, a diminuição das políticas de cidadania não tem como fator causal a política neoliberal, mas sim a crise estrutural do capitalismo, que revela seu limite de expansão do valor, tanto no âmbito dos recursos naturais, geográficos quanto no de estratégias econômicas para adiar seu desmoronamento (Ferreira, 2013). O período progressista de acumulação do capital se esgotou, e diante da crise estrutural capitalista expressam-se os limites do Estado em financiar as políticas sociais, o que implica no cenário de enfraquecimento dos direitos ao campo popular (Ferreira, 2013). A história nos mostra que todo processo de acesso da classe proletária a condições mínimas e satisfatórias de direitos sociais, incorporadas no interior do sistema capitalista, são transitórias e marginais e essa inserção estão cada vez mais precárias (Ferreira, 2013).

A intensificação do esmagamento e cortes de recursos públicos para o setor indicam que a crise do capital atingiu o Sistema Público de Ensino. A busca por cidadania através da educação pública nos territórios periféricos se tornou ilusório, pois se trata de uma ferramenta de exclusão pela falsa inclusão (Gentili, 2009). Gentili (2009) assegura que a exclusão da educação se dá em um sistema que apresenta como única oportunidade à população pobre o não acesso efetivo à educação de qualidade, pois está relacionada à lógica mercantil, na qual é preciso pagar. Ocupar os espaços de luta e disputa política por direitos sociais às camadas pauperizadas no interior do sistema é necessário, porém, não irá garantir a práxis emancipatória, pois não produz antagonismo ao presente no modo de vida capitalista, que se atravessam na economia, na cultura e na subjetividade (Ferreira, 2013).

A palavra barbárie, utilizada por Menegat (2008) para se referir aos tempos atuais, não se limita à crítica realizada à massa de trabalhadores sobrantes devido à crise estrutural do capital, esta teorização também está atrelada aos efeitos produzidos pela existência de um enorme contingente de desempregados, estimulando as formas precárias de contrato e a reincorporação do trabalho escravo. Contudo, os reflexos mais nefastos sobre a vida social podem ser sentidos nos brasileiros descartáveis, a nova configuração produtiva do capital, que se apresenta nos processos produzidos no campo, da necropolítica e no Estado de terror (Ferreira, 2013). Produto da crise permanente, os seres humanos expulsos pela estrutura capitalista não encontram mais solução satisfatória de reprodução pela via econômica, pois tornaram-se alvos de controle pelos aparelhos estatais especializados na assistência pública ou na repressão policial da pobreza (Ferreira, 2013).

A libertação das camadas pauperizadas passa pela superação da ideologia, em um movimento dialético a conscientização, e pelo processo de avaliação crítica sobre os antigos modos de luta dos movimentos sociais (Ferreira, 2013). Ferreira (2013) avalia que o modo de luta das massas por direitos que se constituem no interior da estrutura capitalista não produz uma perspectiva que transcende a estrutura, mas só respondem no nível de administração da barbárie, da pobreza e da miséria. É preciso ter lucidez para reconhecer os limites da luta institucional e analisar que todo financiar dos direitos sociais no Sistema tem como base a mais-valia, ou seja, a exploração do próprio trabalhador; além de não permitir práticas que superem as formas de existência do individualismo alienante impostas com violência pelo capitalismo (Menegat, 2008; Ferreira, 2013).

Aos que sobram só restam duas possibilidades: assujeitar-se aos processos alienantes e de opressão do capitalismo ou lutar por reinventar a vida, já que não irão encontrar soluções por dentro da estrutura (Marro, 2009). À luz dessas transformações sociais-econômicas e dos elementos que compõem a elaboração crítica radical do valor, como buscar referências para uma perspectiva de luta popular dos movimentos sociais que possua um potencial emancipatório? A experiência capaz de superar os processos de alienação do capitalismo é a experiência produtiva concreta pautada na razão objetiva “da práxis revolucionária no terreno da atividade humana sensível, na qual seriam erguidas novas relações entre os seres humanos e entre os seres humanos com o mundo” (Ferreira, 2013, p.82). Martín-Baró (2017) comprehende que a análise das organizações populares é um instrumento de libertação histórica, pois possibilita o resgate da riqueza dos povos, contrapõe ao individualismo alienante, provoca o processo de conscientização e conduz as massas para o confronto social.

A práxis revolucionária de base material se expressa pelo fortalecimento da organização popular, à margem do sistema institucional, por meio do resgate da vida pública comunitária (Ferreira, 2013). As experiências sociais coletivas podem ser vivenciadas quando ocorre um movimento auto organizativo para a busca prioritária de alguma necessidade básica do povo. Diante desta ação espontânea popular para satisfazer uma demanda da comunidade, tem-se a oportunidade de recriar o espaço público, e a partir desse terreno, homens e mulheres podem construir memórias nobres (Ferreira, 2013). A crise estrutural do capital evidencia que a única via de luta para a sobrevivência das camadas populares está na radicalidade presente nos movimentos sociais, que lutam, à margem do sistema, conquistar condições dignas de vida (Ferreira, 2013).

Então, diante da análise crítica de conjuntura acerca dos efeitos da crise estrutural do capital nos movimentos sociais, teceremos considerações à história da organização “Levante Popular da Juventude” aos elementos identitários; aos processos de formação; e à influência das lutas sociais na esfera coletiva dos jovens.

Levante popular da juventude: origem, formação e prática

No decurso dos anos 2013 a 2023, a base de formação política da juventude do Cerro Corá foi construída com o envolvimento dos jovens no movimento social “Levante Popular da Juventude”. Com efeito, a vivência na antiga organização popular permitiu aos militantes um movimento de superação dos processos ideológicos em direção à conscientização capaz de produzir práticas sociais compartilhadas, e influenciou a mudança social na vida de muitos moradores da favela. Todo movimento social é composto pela formação política, por elementos identitários, e pela organização do povo em torno de uma necessidade comum e um horizonte de mudança coletiva. Perante o exposto, pretendemos abordar, à *posteriori*, a origem, a constituição do sentimento de pertença e identidade coletiva, a formação política e prática do movimento “Levante Popular da Juventude”. Logo, tais considerações apontadas possuem como recorte temporal os anos de 2006 a 2023.

A origem do “Levante Popular da Juventude”

O “Levante Popular da Juventude” nasceu pela “necessidade compreendida por outros movimentos sociais brasileiros de organizar a juventude do país em um espaço criado, pensado e construído pelos jovens” (Filho, 2021, p.45). O movimento social foi formado a partir das demandas das juventudes brasileiras, os militantes que compõe esse projeto popular são: “jovens das periferias dos grandes centros urbanos, cotidianamente afetados pela violência e falta de oportunidades, e para jovens do meio rural, precarizados pela falta de políticas públicas voltadas para problemáticas referentes à realidade de vida das juventudes do campo” (Filho, 2021, p.45). O “Levante Popular da Juventude” tem sua origem no ano de 2006 no Rio Grande do Sul, “estado que possui uma forte organização e atuação de vários movimentos sociais que compõem o campo político dos movimentos populares do campo no Brasil” (Filho, 2021, p.45).

O Levante tem como marco temporal sua origem pela juventude do campo, por meio dos processos organizativos de seus jovens junto a representantes da Pastoral da Juventude Rural, do MST e um militante universitário (Filho, 2021). Nesse sentido, em 2006 foi organizado o Acampamento de Jovens que compunham os movimentos sociais da Via Campesina com os jovens universitários e jovens do Movimento de Trabalhadores Desempregados (Filho, 2021). O primeiro Acampamento reuniu em torno de 700 jovens, “como resolução, o acampamento teve como tarefa inicial estabelecer frentes de atuação em quatro campos prioritários para o projeto de promoção da qualidade de vida das juventudes: Educação, Trabalho, Cultura e Lazer” (Filho, 2021, p.46). À vista disso, a organização do movimento social ficou dividida em três frentes de atuação: estudantil, territorial e camponesa (Filho, 2021).

3.2 “Levante Popular da Juventude”: o processo de formação política

No ano de 2008 o “Levante Popular da Juventude” realizou seu segundo acampamento, “dessa vez, um nacional, que pretendia firmar laços entre a juventude do campo e da cidade. Mais de mil jovens passaram a construir os referenciais simbólicos e culturais do movimento social” (Filho, 2021, p.47). No espaço de vivência do Acampamento Nacional, a música da bateria constitui-se uma forma de uma identidade coletiva própria do movimento, além de ser uma expressão da juventude, a batucada permite a construção do sentimento de pertença ao projeto popular entre os militantes do campo e das periferias urbanas (Filho, 2021).

A bateria do Levante é o momento que a juventude se reconhece; a mística é um ponto de encontro para jovens de diferentes frentes, permitindo-os ocupar um espaço comum em torno de uma atividade para a formação política. No ano de 2012 o Acampamento Nacional realizado na cidade de Santa Cruz do Sul-RS contou com a presença de 1.300 jovens que representavam 15 estados brasileiros, o encontro possibilitou a formação dos trabalhos de base para atuação política em diversas regiões do país (Filho, 2021). À medida que a juventude se reconhece como parte da organização do movimento, os jovens passam a construir suas referências de uma identidade coletiva de luta em torno de questões comuns à vida da juventude (Filho, 2021). “É nesse sentido que as bandeiras, camisas, batucada, (...), funcionam como dispositivos identitários de reconhecimento e pertencimento para os jovens organizados” (Filho, 2021, p.109).

Nas palavras de Lauermann (2020, p.25), “a prática da mística é muito comum em movimentos sociais ligados à Teologia da Libertação e à Via Campesina”. Nesse sentido, o “campo simbólico formado através da mística das identidades, dos sentimentos de pertencimento, afeto e coletividade, próprios do movimento social, é construtor de uma identidade de resistência que se coloca como referência dentro dos processos de organização” (Filho, 2021, p.121). No “Levante Popular da Juventude” o lugar da mística é tratado “com certo cuidado, porque além de pensar uma estética, deve trazer elementos ou signos da luta, que expressam suas ferramentas de trabalho e de luta política” (Lauermann, 2020, p. 72).

Em conformidade com Lauermann (2020, p. 23) “a mística pode criar sentimentos que unem as pessoas em torno de um mesmo ideal, sentimentos que formam uma comunidade, que ultrapassam a subjetividade e encontram o coletivo, que pode ser festa e companheirismo”. A mística é repleta de sentidos e significados — o sentido religioso pela fé e luta do povo pela terra — o político das revoltas populares pela terra e dos movimentos anticapitalistas, mas todos os movimentos possuem um afeto partilhado, a valorização suas culturas que se expressam de forma poética e “celebram a vida daqueles que se dedicam à luta” (p.70).

Levante Popular da Juventude: a práxis territorial

No presente contexto, a frente territorial do movimento desempenha em rede um trabalho presente em quatorze estados do Brasil, através dos Cursos Populares “Podemos Mais”. Essa prática educacional permite aos jovens que vivem nas periferias urbanas a inclusão na universidade por intermédio do pré-vestibular social (Levante Popular da Juventude, 2020). O “Levante Popular da Juventude” atua na organização dos jovens em seus territórios: além de prepará-los para o ensino superior por meio da

educação popular, o movimento social busca a formação política das juventudes, através do processo de conscientização e leitura crítica da realidade.

Devido à produção do fracasso escolar no sistema educacional das periferias do Brasil, os jovens que chegam a se formar no ensino médio encontram diversas dificuldades em acreditar que são capazes ou que podem ingressar e permanecer no ensino superior. Esses impedimentos se manifestam no campo material – pois precisam priorizar o mercado de trabalho para ajudar no sustento da família – e no campo estrutural de exclusão do direito à educação de qualidade. A iniciativa de educação popular do movimento social “Levante Popular da Juventude” vem ao encontro da necessidade de organizar a juventude a partir de uma demanda concreta das camadas populares e promove o acesso dos jovens à educação de qualidade e ao ingresso no ensino superior.

Estruturado a partir do protagonismo social da juventude, a iniciativa de educação popular “Podemos Mais” possui trabalho de base na favela do Cerro Corá do Rio de Janeiro, iniciado em maio de 2016 pela articulação dos seguintes atores sociais: “Levante Popular da Juventude”, “Movimento dos Trabalhadores Sem Terra” e do coletivo “Moradores em Movimento”.

Com a presente conjuntura de diminuição das políticas públicas devido à crise estrutural do capital, as camadas populares estão lançadas à própria sorte. (Ferreira, 2013). Portanto, os reflexos da crise afetam primeiro a população das periferias, enquanto o Estado possui apenas o papel de administração dos efeitos da barbárie (Ferreira, 2013). Organizar as lutas sociais para além dos espaços institucionais, como no caso do Pré-Vestibular Popular “Podemos Mais”, é uma via fundamental para promover mais acessos a educação e direitos ao povo.

A constituição do indivíduo em seu mundo social

Neste estudo, propomos deslindar o papel dos movimentos sociais na vida dos indivíduos por meio da construção teórica da psicologia social latino-americana, defendida por Martín-Baró e Silvia Lane. Para compreender a influência dos movimentos sociais na experiência concreta dos militantes, precisamos situar a ação dos indivíduos em seu contexto histórico e interpretar a relação do sujeito com a realidade ao seu redor. Para Martín-Baró, a Psicologia Social é o estudo do comportamento humano encontrada na dupla realidade constituída “entre o indivíduo e a sociedade” (p.108). Assim, “a Psicologia Social é uma ciência intermediária que tem como objetivo demonstrar a conexão entre duas estruturas: a estrutura pessoal e a estrutura social” (Martín-Baró, 2017, p.117).

Com base na concepção teórica de Martín-Baró (2017), os indivíduos não são seres lançados no vazio, por isso é fundamental compor o campo de estudos na área das ciências humanas que consideram a realidade histórica vivida nos territórios latino-americanos. Não se pode abstrair o indivíduo da realidade concreta, a caracterização do sujeito e das interações humanas precisa estar atrelada ao ambiente histórico, no âmbito dos comportamentos, na ação dos indivíduos em conexão as questões sociais e os processos grupais (Martín-Baró, 2017). Logo, “a Psicologia Social é uma ciência intermediária, abrangendo o que pertence à sociedade enquanto tal e o que é próprio do indivíduo como pessoa, há o permanente perigo de abandono da tensão interdisciplinar e absorção pela dinâmica de um dos polos” (Martín-Baró, 2107, p.123).

Portanto, entender os processos psicológicos requer que a pessoa não seja reduzida a mera expressão das forças sociais e não diminui os fatores estruturais sociais a atributos psicológicos do indivíduo (Martín-Baró, 2017). Para Martín-Baró (2017), a Psicologia Social estuda a influência do social no comportamento dos indivíduos, e interpreta com base na relação indivíduo/ sociedade a inserção ativa do sujeito frente a realidade. Nos escritos de Lane, (1989, p.8) “o enfoque da Psicologia Social é estudar o comportamento de indivíduos no que ele é influenciado socialmente”. A autora apresenta como desafio para a Psicologia Social considerar a condição histórica na qual o indivíduo vive, os aspectos sociais e culturais que refletem no comportamento, porém sem perder de vista, onde a criatividade possui o poder de transformação do

contexto ao redor (Lane, 1989).

Assim, a Psicologia Social busca conhecer como o indivíduo se “insere neste processo histórico, não apenas em como ele é determinado, mas como ele se torna agente da história, ou seja, como ele pode transformar a sociedade em que vive” (Lane, 2006, p.10). Logo, “caberia à Psicologia Social recuperar o indivíduo na intersecção de sua história com a história de sua sociedade - apenas este conhecimento nos permitiria compreender o indivíduo enquanto produtor da história” (Lane, 1989, p.97). Martín-Baró e Silvia Lane compartilham de um mesmo horizonte para a Psicologia Social, a defesa do saber científico comprometido com as necessidades das maiorias populares.

Deste modo, adotamos um posicionamento ético-político em favor da justiça e igualdade às camadas populares para compreender as mudanças que o movimento social gera na vida pessoal dos militantes, através da perspectiva do sujeito em relação as forças sociais, no intento de “incorporar o quefazer científico a uma práxis social libertadora” (Martín-Baró, 2017, p. 155). A partir desses construtos teóricos de Martín-Baró (2017) e Lane (1989), compreendemos o indivíduo enquanto sujeito ativo de sua história capaz de mudar a realidade que o cerca. Por sequência, podemos avançar para os estudos acerca da memória social, a fim de desvelarmos o papel da memória social na organização das lutas populares, e assim corroborar a compreensão metodológica da pesquisa, cuja proposta foi a reconstrução das lembranças dos militantes sobre sua trajetória nos movimentos sociais.

Estudos sobre a memória social

A noção de memória social é compreendida por Halbwachs (1990) como a reconstrução do passado a partir dos grupos de referência. Acerca do caráter coletivo da memória, Halbwachs (1990, p.32) declara: “esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodearam”. A memória é retroalimentada quando a pessoa permanece no grupo social, as lembranças são reestruturadas coletivamente e com o afastamento do sujeito do grupo social, a tendência é que a memória seja esquecida (Halbwachs, 1990). Em suma, o rememorar está atrelada à relação afetiva do indivíduo com um determinado grupo, o resgate do passado é composto por lembranças compartilhadas entre as pessoas de um conjunto social (Halbwachs, 1990).

Para Bartlett (1932), a memória possui um atributo ativo; recordar é reconstruir o passado no presente: são lembranças que se modificam sempre que evocadas. Dessa forma, o passado é reconstituído com base nas percepções do sujeito no tempo presente, à medida que novos significados são adquiridos, o conteúdo de suas memórias pode ser alterado (Bartlett, 1932). A concepção do processo de recordar teorizado por Bartlett foi sintetizada na seguinte afirmativa: “ter acesso a informações disponíveis como resultado das tentativas de reconstrução do passado no presente, através de algum propósito social e/ou psicológico particular a partir da lembrança coletiva de acontecimentos pessoais e históricos” (Sá; D.G.M. Naiff; L.A.M. Naiff, 2008, p. 129).

Por intermédio dos escritos de Bosi (1995), podemos relacionar a memória com a percepção do indivíduo acerca do tempo presente. “A percepção concreta precisa valer-se do passado, que de algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida” (Bosi, 1995, p.47). A abordagem psicosocial defende a tese sobre a atualização da memória social, pois a reconstrução do passado ocorre em função dos interesses (afeto, motivação e sentimento) do sujeito no presente (Sá, 2007). Logo, a memória é uma força dinâmica, “permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações” (Bosi, 1995, p.9).

Eclea Bosi (1995) também concebe o rememorar como processo de elaboração e experiência de enraizamento. Tal experimentação relaciona o passado como forma de pensar o momento atual numa direção de horizonte para um projeto futuro, neste caso, o desafio está justamente em “investigar a materialidade do passado e da história como alimento e fonte de sustentação na vida presente” (Massola, Svartman, 2018, p. 299). O enraizamento é a vivência estendida do tempo em um horizonte de experiências

do passado, que compõe o presente e apresenta perspectivas para o futuro (Bosi, 1995).

À vista disso, “o ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”. (Weil, 1996, p. 411). Nesse ângulo, o passado não é morto: é um alimento para alma, traz aspectos importantes para a relação do sujeito com o presente (Bosi, 1995). Então, “a memória deixa aqui de ter um caráter de restauração do passado e passa a ser uma memória geradora de futuro” (Bosi, 2012, p.198). Entretanto, o “desenraizamento a que nos obriga a vida moderna é uma condição desagregadora da memória. Um dos mais cruéis exercícios da opressão na sociedade moderna é a espoliação das lembranças” (Bosi, 2012, p.199).

Memória e enraizamento podem ser relacionados à ideia de identidade, pois o passado pode fundamentar uma tradição que conecta indivíduo a uma herança cultural (Massola, Svartaman, 2018). Desse modo, a memória social se relaciona à identidade pessoal e coletiva, porque permite que o passado seja um tesouro para a atuação no presente na criação de projetos futuros (Massola, Svartaman, 2018).

Somente na medida em que as pessoas e os grupos adquirirem consciência sobre suas raízes históricas sobre todos os fatos e as condições que configuraram sua realidade poderão se situar em uma perspectiva adequada para avaliar sua própria identidade. Não há verdadeiro conhecimento de si mesmo que não seja um reconhecimento das próprias origens, da própria identidade comunitária, da própria história. (Martín-Baró, 2011, p.198).

A recuperação do passado pode estar associada a um sentido político, como a busca por referências e perspectivas de luta por justiça de um povo. A ultrapassagem da visão fatalista de mundo requer o resgate da memória histórica pessoal e coletiva, com isso, os indivíduos são capazes de formar uma consciência crítica da realidade para discernir as “propostas ideológicas que hoje são apresentadas aos povos latino-americanos” (Martín-Baró, 2017, p.199). Os povos latino-americanos “precisam de uma clara memória histórica para rastrear os dinamismos de sua história, e saber onde buscar as causas de sua opressão secular e de sua situação presente” (Martín-Baró, 2017, p.198).

Pois o povo sem memória histórica não tem horizonte, a vida se resume apenas ao tempo presente, sem forças para responder as exigências do cotidiano aceitam com passividade um destino que consideram ser imutável (Martín-Baró, 2017). O resgate das memórias históricas de um povo é uma ferramenta capaz de formar nos sujeitos uma consciência crítica da realidade (Martín-Baró 2017) e sinaliza possibilidades para o futuro que foram suprimidas. A memória vitaliza o passado, expõe suas heranças e faz que nos posicionemos no presente a partir delas” (Mortada, 2022, p.3).

Resultados e discussões

A trajetória de organização popular na favela do Cerro-Corá foi liderada por três jovens moradores a partir do ano de 2009, período em que a juventude do morro problematizava a falta de acessos à educação, cultura, trabalho e lazer na comunidade. Mais adiante, no ano de 2012, o contexto da cidade do Rio de Janeiro foi marcado pela disputa eleitoral do candidato Marcelo Freixo para prefeito. Essa conjuntura mobilizou os jovens vinculados ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) a conhecer a juventude periférica do Rio de Janeiro, a fim de envolverem as comunidades em prol da campanha de um candidato que, em sua história, foi o representante político no combate às organizações milicianas. Depois disso, durante o ano de 2013, o processo de organização popular na favela do Cerro-Corá se consolidou com a criação do coletivo “Moradores em Movimento” e a ativa participação dos militantes no movimento “Levante Popular da Juventude”.

Assim, a exposição dos resultados da pesquisa se apresenta com a transcrição editada das entrevistas, intercalada pelas interpretações dos dados em diálogo com a fundamentação teórica.

Lembranças de Richarlison

As recordações do militante Richarlison foram interpretadas abordando os seguintes temas: faz a juventude se articular nos movimentos sociais, o que a juventude do Cerro Corá quer e suas as transformações sociais e pessoais a partir do engajamento do jovem na organização popular.

Richarlison – *A minha trajetória começa a partir de uma revolta, de não ter nada aqui no morro. Na virada dos anos 2009 para os anos 2010, tem-se uma combinação muito política, em que a galera jovem daqui pensava na politização da comunidade. Nós sempre problematizamos essa questão de não termos nenhum bem público.*

A inquietude apresentada por Richarlison retrata a falta de acesso à saúde, educação e lazer dentro do território. Então, tal revolta abre diálogo com Ferreira (2013), ao apontar a crise estrutural do capital, como fator causal do empobrecimento das camadas populares agravadas diante da ausência de políticas sociais efetivas e do desmonte dos direitos de cidadania.

Richarlison- *Sobre a organização popular, nós sabíamos que existia uma experiência anterior, que era a Associação de Moradores Pró-Melhoramento do Cerro Corá. Essa referência era o que nos motivava, pois tínhamos uma galera que fazia no passado, mas que na virada dos anos 2000, o pessoal morreu, também tiveram as intervenções do tráfico, fazendo as pessoas se afastarem da assistência social que prestavam à comunidade. Mas em 2012, por intermédio do nosso amigo André, que estava inserido no meio político-partidário, chegou à campanha do Freixo. Começamos a conviver com a galera da esquerda, primeiramente nos vinculamos ao núcleo do PSOL do Largo do Machado. Nós apresentamos para as pessoas nossa ideia de fazer o projeto do museu no Cerro Corá. Dentro dessa galera, existiam dois grupos distintos: tínhamos o PSOL e tínhamos o “Levante Popular da Juventude”. Quando criamos o coletivo “Moradores em Movimento” o pessoal do PSOL atuou na organização política, mas com o passar tempo, essa galera do PSOL foi saindo e os militantes do Levante foram pegando a responsabilidade de estarem conosco para criarmos um trabalho de base no Cerro Corá. Com o coletivo “Moradores em Movimento”, eu já chamava a juventude para participar das atividades do Levante. Porém, aconteciam alguns estranhamentos, primeiro por estarmos com a galera do PSOL, tem-se pessoas muito brancas, e isso repele a galera do Cerro. Em 2014 nós começamos a participar mais de atividades do Levante, então fui participar do setor de negros e negras do Levante na Rural. Com a chegada do Acampamento Nacional do Levante em 2014, participamos com três jovens: eu, o Rodrygo e o André, pois éramos essas pessoas que estavam pensando toda a questão política dentro comunidade. No último dia, no ato final, o ato foi realizado no Centro de São Paulo, indo em direção à Avenida Paulista, foi a primeira vez que eu entrei dentro do metrô de São Paulo, foi minha primeira vez na Avenida Paulista, quando cheguei pensei: nossa, eu vejo isso na televisão, eu preciso apresentar o movimento para a galera do Cerro! Em 2015, o Levante buscava, através do Acampamento Estadual, apresentar o movimento para a juventude do Cerro Corá. Durante o ano, eu sabia que precisava mirar em jovens com conceito e respeito dentro da comunidade, como o Vanderson. Então, fui conversar com o Vanderson, falei das atividades que estavam rolando no morro dos “Moradores em Movimento” e do Levante com o Acampamento Estadual. Nesse fluxo, combinei de fazermos a apresentação dos jovens do morro para a juventude do Levante. Nós fizemos uma mística, o Bento foi participar, ele é um cara branco e de classe média, combinamos de fazer uma encenação de uma dura policial. Pois isso é o que a gente sofre, a violência policial é uma autoridade que se der na telha exerce violência contra a população negra favelada.*

De acordo com a narrativa, o recurso teatral foi elaborado visando apresentar ao movimento social uma “mimesis” da violência policial enfrentada pelos jovens das favelas. A reflexão sobre a violência policial e a criminalização da pobreza podem despertar a conscientização sobre a necessidade de organizar a juventude em torno de uma causa: o direito de viver. A cultura da barbárie exposta por Ferreira (2013) alerta sobre seus reflexos mais nefastos aos brasileiros considerados descartáveis à nova configuração do capital; tal desdobramento se apresenta através da opressão e extermínio aos jovens pretos das periferias.

Richarlison -Por seguinte, participamos das atividades do Levante no Acampamento Estadual, o Vanderson falou que não sabia que tinham tantos pretos na universidade. Ao voltarmos do Acampamento Estadual, nós falamos: queremos fazer a luta aqui na comunidade, para organizar a juventude e melhorar nossa condição enquanto jovens. Dos nove jovens que foram ao Acampamento Estadual, cinco viraram militantes e os outros quatro ficaram acompanhando o trabalho. No ano de 2016, nós tínhamos uma célula territorial consolidada, com militantes, e com o trabalho do Pré-Vestibular Popular “Podemos Mais”.

Quando entrei para o Levante, eu não sabia para onde o movimento ia me levar, apenas sabia que poderia viajar, se eu não tivesse no movimento, eu não teria ido para o Ceará, não teria ido para Minas Gerais e não teria ido para São Paulo. Então, acredito que minha atuação com o Levante foi um trabalho que me formou, seja para o mundo do trabalho, seja para conhecer minha comunidade. Também consegui entrar no estágio da Paineiras Corcovado, pois eles precisavam de pessoas que tivessem conhecimento social e político da comunidade. O conhecimento da comunidade eu pude obter a partir da minha atuação militante, organizando a célula territorial dentro Cerro Corá.

Na perspectiva de Richarlison, ele avaliou que sua atuação no Levante o formou para o mundo do trabalho e o levou a conhecer sua comunidade o Cerro Corá. O conhecimento social e político da favela fomentado pelo seu envolvimento no coletivo “Moradores em Movimento” e na organização da célula territorial do “Levante Popular da Juventude” foi fundamental para conseguir o estágio na Paineiras Corcovado, seu atual local de trabalho. Nesta questão, a reflexão de Richarlison converge ao pensamento de Martín-Baró (2011) acerca da consciência sobre suas raízes, pois, aproximar-se da comunidade requer o conhecimento da história de vida dos antigos moradores e permite o desenvolvimento de uma perspectiva crítica sobre os fatos que compõem a realidade.

Richarlison- Eu consegui passar para a UERJ porque esse movimento social criou um pré-vestibular que entrou na minha subjetividade de jovem que atua no movimento social. Por meio da luta política pude ter uma formação. O Richarlison de 2011 e 2012 não sabia que poderia fazer uma universidade, porque me achava muito burro. Hoje, o Richarlison de 2023 adquiriu uma consciência política que me permite atuar em diversos espaços.

O militante Richarlison passou para a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), onde realiza o curso de História. Ele relaciona o processo de ingressar no ensino superior em dois momentos específicos. O primeiro está atribuído à superação de uma subjetividade negativa de si mesmo para compreender que podia ingressar na universidade, o segundo está relacionado pelo meio prático de organização política para acessar o ensino superior, o Pré-Vestibular Popular do Cerro Corá.

Richarlison- Para perpetuar esse trabalho de base, é importante se organizar, a ferramenta que iremos utilizar para nos mantermos organizados pode ser a Associação de Moradores, pode ser através dos movimentos sociais e coletivos. Por meio da organização popular podemos propor e fazer mudanças no nosso local.

Na atual conjuntura, as lutas dos movimentos sociais precisam exercer maior radicalidade à margem do sistema, ou seja, fora dos espaços institucionais do capitalismo, em virtude da transitoriedade e intensa precarização dos direitos sociais ao proletariado (Ferreira, 2013). O “Levante Popular da Juventude” está dividido em três frentes de atuação: a via campesina, a estudantil e a territorial. Embora o movimento tenha em uma de suas frentes a luta institucional atrelada ao movimento estudantil, a frente territorial representa um trabalho de base realizado fora dos espaços tradicionais do sistema capitalista. Nos dias de hoje, após a eleição presidencial do ano de 2022, durante o mandato do governo Lula, o movimento se descaracterizou, passando de um projeto popular para uma organização política. O trabalho de base realizado pelo Levante nas periferias do Brasil apresenta maior notoriedade através do Pré-Vestibular Popular “Podemos Mais”. A iniciativa de educação popular do movimento social “Levante Popular da Juventude” vem ao encontro da necessidade de organizar a juventude a partir de uma demanda concreta das camadas populares e promove o acesso dos jovens à educação de qualidade, e suporte para o ingresso no ensino superior.

Richarlison- A atualidade tem um novo quadro de conjuntura política, o Levante de 2014 é totalmente diferente de 2023, o movimento é construído de gente, a juventude é um espaço transitório, então fica o questionamento: como apresentar o “Levante Popular da Juventude” para essa nova geração? O que essa juventude quer? Esse é o trabalho militante, convencer essa juventude, como fiz em 2015, a entrar em um trabalho de base para mudar suas próprias vidas. No movimento social as pessoas não chegam de graça, precisamos surpreender a juventude em suas necessidades. Durante o trabalho de militância no Cerro, sempre busquei construir acessos para a juventude do morro em um movimento popular. Durante a atuação militante junto à juventude, fazímos as rodas culturais, os campeonatos de queimada e as festas. Pois é o que a juventude quer. A juventude quer se divertir, quer seu lazer e quer pensar sua formação. A atuação política para a transformação precisa de uma organização coletiva. A transformação ocorre em um processo de desconstrução pessoal e depois atinge a transformação coletiva. E para que queremos nos manter organizados? Nós queremos ocupar espaços na sociedade, queremos estar nas universidades, queremos ser professores, queremos concretizar nossos sonhos, queremos que nossas conquistas sejam normais na comunidade.

É precisamente na oralidade de Richarlison que ocorrem constantes indagações acerca do que a juventude do Cerro Corá quer. Em sua experiência de líder do movimento social “Levante Popular da Juventude”, ele constata que os jovens querem cultura, lazer, pensar sua formação, concretizar seus sonhos, ocupar espaços na sociedade e que suas conquistas sejam normais na comunidade. Mas, o que faz a juventude querer se organizar? Os narradores afirmaram que as necessidades vivenciadas na realidade do Cerro Corá os conscientizaram da força da organização popular para lutarem e conquistarem seus direitos a partir desse movimento. Essas demandas foram expressas pelas seguintes questões: ameaça de remoção; revolta pela falta de acessos a políticas públicas; opressão sofrida devido à violência policial; falta de oportunidade de trabalho, de lazer e dificuldades para ingressar no ensino superior.

Richarlison- *O movimento social precisa fazer o elo do conhecimento adquirido nas universidades para atender às necessidades das pessoas das favelas. Não podemos ter um ganho econômico sem o ganho político, precisamos ter a formação para a consciência de classe. Temos vários jovens do Cerro Corá se formando nas universidades e ocupando espaços de poder na sociedade. Precisamos ter o compromisso político com a nossa comunidade, se me formo em Letras é minha obrigação estar inserido nas favelas e ensinar os moradores a lerem.*

Tal constatação remete ao diálogo proposto por Martín-Baró (2017) de uma psicologia comprometida ética e politicamente com contexto vivenciado na América Latina. Conforme Martín-Baró (2017) declarou, devemos orientar a ciência a responder às necessidades históricas daqueles que ficaram à margem do desenvolvimento, que em nossos países são as maiorias populares.

Richarlison- *Quando iniciei minha trajetória na militância, eu queria trazer a politização para a comunidade. Eu não queria que o jovem daqui tivesse que ir lá para Laranjeiras ou para o Centro da cidade a fim de fazer um curso de animação ou outro curso profissionalizante. Eu desejava que as coisas acontecessem aqui dentro da comunidade. Por que eu tenho que ir para uma biblioteca lá? Por que não fazemos a biblioteca aqui? Por que que para irmos ao museu temos que ir lá fora? Por que não podemos ter o nosso museu e contar a nossa história.*

O militante encontrou no movimento social um caminho para que a juventude do morro conquistasse acessos. Além de ser o militante que levou o “Levante Popular da Juventude” para os jovens do Cerro Corá, ele foi o coordenador estadual do movimento social e liderou a criação do coletivo “Moradores em Movimento” em sua comunidade. Assim, a partir das experiências concretas de organização popular, os grupos podem se estruturar “visando uma ação transformadora da história de sua sociedade” (Lane, 2006, p. 69). Portanto, o compartilhar da vida comunitária é “se defrontar com os outros, é se descobrir diferente, único e, ao mesmo tempo, é assumir a igualdade de direitos e deveres, é adquirir a responsabilidade de pensar, de decidir e de agir, é um processo que se desenvolve por meio de práticas e reflexões sucessivas” (Lane, 2006, p.63).

Lembranças de Rodrygo

As lembranças de Rodrygo são memórias cheias de significado e sensibilidade. Para a análise dessas recordações, abordaremos a recuperação da memória histórica do Cerro-Corá, a valorização das virtudes populares; transformações sociais e pessoais a partir do envolvimento do militante nos movimentos sociais.

Rodrygo- *O coletivo “Moradores em Movimento” surgiu no ano de 2013. De 2013 a 2016, o Rio de Janeiro foi sede da Copa das Confederações, Copa do Mundo, Pan Americano e as Olimpíadas, ocorreram algumas remoções nas favelas da cidade como em Cantagalo-Pavão-Pavãozinho e Vidigal. Nós ficamos com medo de haver remoções no Cerro Corá, percebemos a necessidade de juntar os moradores para conversar sobre o assunto e resgatar a Associação de Moradores. Na época, tínhamos a sede da Associação, porém estava desativada. Nesse intuito realizamos reuniões, mas sempre iam as mesmas pessoas com um quantitativo muito pequeno. Nós tivemos a brilhante ideia de pegarmos as fotos antigas da favela, convencendo os moradores a emprestarem suas fotos, escaneávamos e devolvíamos na semana seguinte. Dessa forma, conseguimos mais de 500 fotos, fizemos uma exposição, a princípio seria apenas uma, mas um primo meu estudava museologia na época, ele nos incentivou a fazermos um museu social. Assim como a cidade possui seus monumentos históricos, nós possuímos os nossos monumentos, assim como a cidade possui seus heróis, que de forma predominante, não representam a classe pobre e trabalhadora, nós na favela do Cerro Corá temos os nossos heróis.*

A temática comum que se apresenta em todas as narrativas, sobretudo no depoimento de Rodrygo, é a necessidade identificada por ele de recuperar a memória histórica do morro. Tal tarefa é relatada com a busca pelos marcos históricos da favela do Cerro Corá por meio do resgate de fotos dos moradores. Dessa perspectiva, podemos identificar uma ultrapassagem do presente psicológico, para um “aqui” e “agora” com “antes” e “depois”, explica a realidade vivenciada e traz possibilidades e vislumbres para o futuro, por meio das referências de luta do passado (Martín-Baró, 2012).

Rodrygo- *Por exemplo, Seu Carlos Alberto, antigo presidente da Associação dos Moradores, morreu com 96 anos, sua cabeça era um HD superpotente, lembrava de fatos e acontecimentos em detalhes. É muito gratificante termos os vídeos de Seu Carlos narrando as histórias dos moradores.*

A escuta dos relatos orais do seu Carlos Alberto sobre as histórias do morro apresentada por Rodrygo revela grandes tesouros que compõem a memória oral. As memórias orais são construídas em torno de pessoas, pessoas que viveram experiências cheias de sentido, sabedoria e significado. A oralidade “admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade” (Thompson, 1997, p. 44).

Rodrygo- *Quando fizemos a exposição, estavam envolvidos apenas alguns moradores do morro e tivemos a participação das militantes do “Levante Popular da Juventude”. Nesse interim, fomos conhecendo o “Levante Popular da Juventude”, podemos considerar que o Richarlison é um levantino fanático, eu atuei criando muitas faixas para o movimento social. A primeira exposição foi no dia 18 de agosto de 2013, na quadra do Cerro Corá. Durante a exposição do vídeo as pessoas iam reconhecendo os moradores e falando como cada um mudou. As fotos que as pessoas foram ver na quadra representam as suas próprias histórias, o caminho que sua mãe passou, as lembranças de como o caminho era no passado, são recordações compartilhadas.*

O resgate memória social dos moradores do Cerro Corá permitiu a construção um sentimento de identidade coletiva, pois ela é um “fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (Pollak, 1992, p.204). Esse elo com o passado se tornou “um apoio sólido para a construção do presente” (Bosi, 2012, p.197). “O passado reconstituído não é um lugar de refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar” (Bosi, 2012, p. 198).

Rodrygo- *O Museu foi início da nossa jornada de luta, depois conquistamos o espaço da Associação dos Moradores com a biblioteca do Cerro Corá. A biblioteca foi construída em um período de risco de*

invasão do espaço da Associação de Moradores pela UPP. Então, tivemos a ideia de colocarmos muitos livros no local para impedir tal ocupação. A biblioteca do Cerro é um espaço onde as crianças estão, com brincadeiras, danças, músicas, livros rasgados e livros novos. O “Moradores em Movimento” é constituído por diversos trabalhos: museu, a biblioteca, o Pré-Vestibular Popular. Após a ativação da Associação de Moradores, formamos uma comissão que consegue dialogar a respeito das necessidades dos moradores com o presidente da Organização. O caminho da militância trouxe para nós um reconhecimento, a minha mãe chorou muito quando soube que ao colocar no Google “Rodrygo Silva Cerro Corá” aparece a foto do filho dela. Minha mãe estudou até a terceira série, passou fome e veio do Nordeste em uma vida muito sofrida. A mãe do Richarlison também sente a mesma emoção, o pai dele sente orgulho de saber que seu filho tem uma foto com o presidente do Brasil. As nossas lutas misturam pessoal, cultural e o social.

A construção do museu do Cerro Corá revela esse espaço de celebração às memórias do morro e de valorização à cultura do local. A valorização cultural de um povo considera a potencialização das virtudes populares (Martín-Baró, 2017). À vista disso, “trata-se de recuperação não somente no sentido da própria identidade, não somente o orgulho de pertencer a um povo [...], mas, sobretudo, de resgatar aqueles aspectos que serviram ontem e servirão hoje como modelos de identificação” (Martín-Baró, 2012, p. 195). O regaste das memórias históricas e o reconhecimento das virtudes populares devem servir para um fim; esse fim está distinto nas narrativas de Richarlison e Alison e se manifesta nos escritos de Martín Baró (2017). “De nada serviria a conscientização sobre a própria identidade e sobre os próprios recursos se não são encontradas formas organizativas que conduzam os interesses das maiorias populares para o confronto social”. (Martín-Baró, 2017, p.84).

Rodrygo- A questão do Pré-Vestibular em parceria com o “Levante Popular da Juventude” e o MST, foi algo que em minha imaginação nunca pensei que poderia acontecer. Foi uma realização pessoal, pois nos últimos anos 24 moradores entraram para as universidades através do Pré-Vestibular Popular. Nós conseguimos colocar o nome Cerro Corá na mídia, fora das páginas policiais, nós somos um coletivo cultural, com quadros, museu, cinema e biblioteca.

Eu desenho desde criança, mas por causa da militância passei a pintar quadros majoritariamente sobre a favela. Pude vender meus quadros mundo a fora. Em meus desenhos eu tento reproduzir essas lembranças no papel, eu não falo de violência, eu não falo de morte, eu falo da favela. Falar de favela é falar da pipa, é falar da lata d’água na cabeça, é falar da bola de gude. Das dez exposições que fiz, eu tentei juntar as minhas duas trajetórias de vida, a militância e a favela, esses dois caminhos se encontraram, por isso, disso e para isso. A militância me jogou em um túnel, não dava para parar, vamos o trem está vindo! E vamos! Nós fomos. É a cultura, é o esporte, fomos, cada vez estávamos abraçando mais coisas.

O enfoque do militante Rodrygo em seus desenhos e pinturas expressa suas lembranças pessoais no papel acerca da favela, expressões artísticas que denotam sua perspectiva sobre o contexto em que vive.”. O olhar de Rodrygo está nas virtudes populares, nas crianças brincando, nas canções no violão, no lugar de encontro, na vida compartilhada no espaço comum, um lugar de todos. O reconhecimento das virtudes populares é compreendido por Martín-Baró (2017, p.63) nos seguintes prismas: “assumir a perspectiva do povo; aprofundar o conhecimento de sua realidade, comprometer-se criticamente com um processo que dá ao povo o poder sobre sua existência e seu destino”. Rodrygo revela que a militância o levou a pintar quadros acerca da favela, e assim pode vender quadros mundo a fora, realizar diversas exposições e discorrer sobre suas experiências em espaços universitários. Para ele, estar na organização popular é estar em movimento, abraçando as causas uns dos outros, juntos, correndo em um túnel para não serem pegos pelo trem.

Lembranças de Alison

As recordações de Alison contemplam uma dimensão subjetiva sobre sua trajetória nos movimentos sociais. A discussão dessa narrativa se apresenta nas referências do passado para lutas no presente, superação da visão ideologizada de vida e transformações sociais e pessoais através da participação no

coletivo “Moradores em Movimento” e “Levante Popular da Juventude”.

Alison- *O coletivo “Moradores em Movimento” nasceu em 2013, porém essa ideia foi cultivada desde 2009, através de conversas sobre a necessidade de construir um espaço que contasse a história dos moradores e da importância de ocuparmos a Associação de Moradores que estava inativada. Em nossa época, crescemos com uma Associação de Moradores organizada, o que nos permitiu alguns acessos em projetos trazidos para o morro. Com o passar do tempo, quando tinha 13 anos, essas ações pararam de acontecer. Assim, não tínhamos mais os passeios, vacinação e várias atividades que Associação de Moradores desempenhava. Então apesar de termos a referência do passado, quando chegamos à juventude, pensávamos: o que podemos fazer para esse espaço voltar a ser ocupado?*

As lembranças da antiga Associação de Moradores contribuíram para Richarlison e Alison tivessem uma referência de como poderiam, no presente, ter mais acessos a cursos e oportunidades no Cerro Corá. Esse movimento, permitiu-os descobrir, mediante à memória coletiva, “os elementos do passado que foram eficazes para defender os interesses das classes exploradas e que voltam outra vez a ser úteis para os objetivos de luta e de conscientização” (Fals Borda, 1985, p.139).

Alison- *Então no ano de 2013 alguns militantes do PSOL e do “Levante Popular da Juventude” embarcaram na ideia de nos reunirmos para pensarmos junto aos moradores maneiras de reativar a Associação de Moradores. De início criamos o coletivo “Moradores em Movimento” como uma forma de mobilizar os moradores afim de trazer novas perspectivas para o morro. Nesse sentido, introduzimos a ideia de criação do Museu Comunitário, por conseguinte, iniciamos a busca por fotos antigas do morro e, nesse processo de luta, ocorreu a regularização dos museus comunitários no Rio de Janeiro. Conseguimos fazer a captação de fotos, depoimentos dos moradores e realizamos uma exposição da comunidade. Quando íamos realizar as gravações dos relatos dos moradores, tínhamos uma grande quantidade de crianças que iam brincando pelo caminho e vinham participar das nossas reuniões na Associação de Moradores. Com a vinda das crianças, organizamos moradores para fazerem práticas de contação de histórias. Essa atividade passou a ser presente em todas as nossas reuniões, porém, o espaço da Associação estava muito velho, com objetos quebrados. Logo, decidimos fazer uma reforma no local e constituir uma biblioteca comunitária. Recebemos diversos livros de doação e fomos construindo a biblioteca do Cerro Corá.*

Em 2014, com o desejo de entrarmos na universidade, eu e meu irmão víamos a necessidade de termos um cursinho Pré-Vestibular dentro da comunidade. Com o nosso envolvimento nos movimentos sociais MST, “Levante Popular da Juventude” e o coletivo “Moradores em Movimento”, reunimos esses atores sociais para pensarmos a ideia do Pré-Vestibular Popular. No ano de 2015, começamos a estabelecer uma Coordenação Pedagógica e em 2016 o Pré-Vestibular foi criado. Depois no ano de 2017, a rede de cursinhos pré-vestibular do “Levante Popular da Juventude” o “Podemos Mais” foi inserida na coordenação.

As narrativas dos militantes sobre o processo de organização da juventude e dos moradores do Cerro-Corá convergem, *a priori*, na percepção de uma injustiça no contexto histórico que os cercam. A necessidade apresentada por Alison nesse trecho da entrevista refere-se à ausência de um serviço educacional capaz de preparar os jovens da periferia para a realização de vestibulares, oportunizando o acesso ao ensino superior. Diante da realidadeposta, os jovens se articularam com diversos atores sociais (Levante Popular da Juventude, Associação de Moradores e Movimento dos Trabalhadores Sem Terra) para fundar o curso “Pré-Vestibular Popular”.

Tal ação versa com os escritos de Martín Baró (2011) e Lane (1989) a respeito da relação indivíduo/sociedade e a inserção ativa do sujeito frente à realidade, pois, embora o indivíduo seja influenciado pela esfera sociocultural dominante, ele também é agente de transformação do contexto ao redor (Lane, 1989).

Também construímos o Projeto “Nós por Nós”, iniciativa do “Levante Popular da Juventude”. Essa era a forma de darmos a dimensão prática e de trabalho às reuniões de células que fazíamos com os jovens do morro. O Levante optou para dentro dos grupos comunitários a organização de um dia para o Projeto “Nós por Nós”. É um dia para realizarmos mutirão de limpeza, mutirão de grafite, oficinas de turbante, criando mecanismos de fortalecimento das células territoriais. Hoje, buscamos pensar para além do projeto da

biblioteca e do museu, em mais formas de utilizamos o espaço da Associação de Moradores. Esse espaço é reconhecido como um local de organização dos moradores e de comum convivência entre os vizinhos. O nosso desafio é fortalecer o espaço de convivência desses moradores, um espaço de todos para todos, um lugar aberto com acesso a cursos.

O envolvimento com os movimentos sociais me possibilitou ter conquistas pessoais, me deu garantias, pude ter muitos aprendizados por meio das formações. Talvez eu não seria o Jeferson de hoje se não tivesse tido a experiência de conhecer os movimentos sociais, eu teria a mesma cosmovisão que o sistema propaga para nós. O sistema apresenta uma perspectiva de vida limitada para os jovens pretos moradores da favela. Depois que participei do Levante, eu não me achava mais uma pessoa burra, não achava que era incapaz. Passei a entender o porquê que não tivemos acesso à educação decente, porque temos limitações de escrita e leitura, e o que poderia fazer para superar essas limitações. Estar presente no movimento social abre possibilidades de acesso e permanência nas universidades para os jovens da periferia.

A contínua transformação pessoal de Alison acontece à medida que ele elabora uma visão crítica sobre sua realidade e descobre os porquês: porque não teve acesso à educação, porque tinha dificuldades com escrita e leitura. Com base nessa leitura contextualizada sobre os direitos sociais e a vida na periferia, além de entender o porquê de não ter tido acesso à educação de qualidade, ele pôde perceber como superar esse desafio. Tal consideração tece um diálogo com Gentili (2009) sobre os desdobramentos do fracasso escolar, onde a educação pública nos territórios periféricos se tornou um dispositivo de exclusão pela falsa inclusão.

Alison- Nossos pais nasceram com perspectiva apenas de casa e trabalho, trabalho e casa, beber uma cerveja no final de semana, fazer um churrasco, e assim a vida está boa, pois estão trabalhando, mas a vida não é só isso. Devemos pensar sempre grande do que podemos melhorar, a perspectiva dos meus pais é o que o sistema introjeta em nós, que vivemos em subempregos e que passemos isso para a próxima geração. O sistema quer que não ocupemos espaços de poder. Quando passamos a refletir que podemos ocupar os espaços da sociedade, eu posso estar em qualquer lugar, onde eu quiser estar.

Nesse trecho, o militante Alison expõe sua reflexão sobre o fatalismo “de nossos pais”. O termo “fatalismo” significa fado, e se manifesta em comportamentos de conformidade aos fatos da vida, caracterizada “em seu triplo caráter: ideacional, afetivo e comportamental” (Martín-Baró, 2017, p.175). Os traços de comportamento mais característicos do fatalismo são: o conformismo em relação ao próprio destino; a passividade diante da vida; a redução do horizonte de vida ao tempo presente (Martín-Baró, 2017). O conceito do fatalismo teorizado por Martín-Baró (2017, p.175) se apresenta como “comportamentos de conformismo e resignação diante de qualquer circunstância”.

Essa concepção retira dos indivíduos todo potencial para luta, quer por direitos sociais no campo da cidadania, ou por emancipação na via da produção da experiência comunitária. O fatalismo é uma realidade estrutural que implica na formação da subjetividade entre os grupos e as pessoas que compõem a sociedade, logo, essa ideologia configura concepções que resultam nos processos de dominação, e permite a um grupo impor seus interesses sobre os demais (Martín-Baró, 2017). A colonização social se apresenta como uma realidade natural e consegue se enraizar quando está introjetada ideologicamente na mente de pessoas e grupos (Martín-Baró, 2017). “Por isso, o fatalismo é de ordem social, externa e objetiva, antes de se converter em uma atitude pessoal, interna e subjetiva” (Martín-Baró, 2017. p. 194).

Conforme Martín-Baró (2017), a eliminação do fatalismo não é determinada pelo ato de “mudar o indivíduo ou mudar suas condições sociais” (p.197), a questão envolve a mudança da relação entre o indivíduo e seu mundo. A superação do fatalismo no nível ideológico se desenvolve pela consciência de classe e pela organização popular (Martín-Baró, 2017). Nesse processo dialético, podemos citar três mudanças sociais capazes de eliminar a atitude fatalista no sujeito: “a recuperação de sua memória histórica; a organização popular; e a prática de classe” (Martín-Baró, 2017, p 197).

Deste ângulo, a recusa de um destino injusto realizada por Alison aponta para sua trajetória e

engajamento na organização popular (“Levante Popular da Juventude” e “Moradores em Movimento”), desenvolvimento da consciência de classe (formação política e leitura crítica da realidade ao seu redor) e a recuperação das referências históricas de luta (busca pelas histórias dos líderes da antiga Associação de Moradores).

Alison- *O movimento social me passou essa visão da formação pelo aprendizado para compor diferentes espaços da sociedade. A organização popular visa dar oportunidades, seja em uma formação política que se constrói ao longo da prática, seja com trabalhos prontos como o Pré-Vestibular Popular ou uma horta comunitária. Foram tantas conquistas que vivemos ao longo desses dez anos, precisamos estar organizados. Também foi uma formação política que levarei para o resto da vida. Entendo hoje que se pude construir um projeto social para a minha comunidade, eu tenho a capacidade de ocupar qualquer espaço que desejo estar.*

No entender de Alison, o envolvimento com os movimentos sociais o possibilitou ter conquistas pessoais e sociais, garantias, e aprendizados por meio das formações. O militante comprehende que sem a experiência de estar nos movimentos sociais ele poderia ter uma visão ideologizada da vida. A participação no “Levante Popular da Juventude” e no coletivo “Moradores em Movimento” o levou a entender que não era incapaz de ocupar espaços da sociedade que almejasse estar. Acerca desse processo de desideologização Martín Baró (2017) afirma: “desideologizar significa resgatar a experiência original dos grupos e das pessoas e devolvê-las como dado objetivo, o que lhes permitirá formalizar a consciência de sua própria realidade” (p. 193).

Considerações finais

Podemos avaliar que as mudanças que o movimento social gerou na experiência de vida dos militantes do Cerro Corá manifestaram-se nos seguintes aspectos: nas novas percepções subjetivas de suas identidades e realidade presente ao seu redor; nas conquistas pessoais e sociais que, através de uma práxis de luta e transformação da percepção de horizontes de possibilidades de futuro. Para trilhar esse caminho de ações voltadas para a transformação do seu território, os militantes do Cerro Corá protagonizaram o processo de formação política composto por distintas etapas: o processo de desideologização do senso comum: a recuperação da memória histórica de seu povo; a valorização das virtudes populares; a organização popular para práticas concretas de mudança social.

Não existe libertação popular apenas no âmbito das ideias, todas as ações e práticas desempenhadas pelos militantes do Cerro Corá foram voltadas para a transformação concreta de sua comunidade. As organizações populares buscam a prática revolucionária de classe pela quebra da relação entre submissão e dominação, por intermédio dos diálogos coletivos, construindo uma identidade social e um compromisso de luta. Quando o atributo social é valorizado, a construção é coletiva, a vida é compartilhada, são experiências capazes de contrapor ao modo de vida do individualismo alienante.

Nos últimos anos, as ações empreendidas pelos militantes do “Levante Popular da Juventude” e do coletivo “Moradores em Movimento” buscaram conquistar acessos e oportunidades para os moradores nas áreas de educação, lazer, esporte e cultura. No presente, os horizontes de expectativas de cada militante entrevistado são diversos. Embora distintos, as expectativas de futuro que possuem estão atreladas à luta por justiça social aos moradores do morro: o pertencimento e a valorização dos jovens da favela; a consolidação e continuidade em programas socioambientais que geram renda aos moradores do morro; a atuação da militância voltada para o mundo do trabalho; e a formação universitária voltada para atender os interesses dos moradores da favela.

Em suma, as experiências dos militantes do Cerro Corá geraram transformações em suas vidas no âmbito pessoal e social, suas histórias foram atravessadas por diferentes fases que se sucederam ao longo de dez anos de envolvimento com a organização popular. Buscaremos a seguir resumir tais etapas dialogando com os caminhos percorridos nesse estudo. Os jovens do Cerro Corá constataram e se revoltaram com a falta de políticas públicas na favela e buscaram, pela via da organização popular, conquistar acessos

para os moradores do morro. Devido aos desdobramentos da crise estrutural do capital, as biografias dos militantes são exemplos de luta popular dos movimentos sociais fora dos espaços institucionais, mirando novos horizontes de liberdade através da via de organização espontânea das massas por condições dignas de vida.

Apesar do cenário de falta de acesso às políticas de cidadania no Cerro Corá, tal contexto não determinou as histórias de vidas dos militantes Richarlison, Rodrygo e Alison. Por intermédio dos movimentos sociais, eles se organizaram e se tornaram agentes de transformação da realidade ao seu redor. As lembranças de Richarlison e Alison acerca da antiga Associação dos Moradores representava uma referência de luta do passado que poderia ser eficaz no presente para produzir novas possibilidades de futuro. A partir dessa memória, o coletivo “Moradores em Movimento” foi criado. Para se organizarem enquanto coletivo, os militantes buscaram o resgate das memórias dos antigos moradores do Cerro Corá. Tal resgate implicou no conhecimento de suas raízes históricas, seus heróis, a identificação com o seu povo e o reconhecimento de si por intermédio de uma identidade comunitária.

Para concluir, todo o processo de busca por oportunidades e acessos dos moradores e da juventude do Cerro, realizado pelos militantes, possuiu um ponto de partida: a referência da antiga Associação dos Moradores. O resgate das memórias narradas pelos antigos moradores foi vital para a formação da identidade do coletivo, a valorização de sua cultura e do lugar em que pertencem. Foram dez anos de lutas e conquistas dos militantes do Cerro Corá, preservando as memórias da favela, realizando ações relacionadas à promoção dos direitos humanos e à cultura popular, formando politicamente a juventude e mobilizando a favela em torno dos objetivos comuns dos moradores.

Conflito de interesse

Os autores declaram não haver conflitos de interesse de nenhuma natureza.

Referências

- BARTLETT, F. **Remembering**: A study in experimental and social psychology. New York & London: Cambridge University Press, 1932.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. Companhia das Letras, São Paulo: 1995.
- BOSI, E. Entrevista: Eclea Bosi. **Dispositiva**, v.1, n2, 2012, p.196-199.
- FALS BORDA, O. **Conocimiento y poder popular**: Lecciones con campesinos de Nicaragua, México, Colombia. Bogotá: Punta de Lanza; SigloVeintiuno Editores, 1985.
- FERREIRA, A. **Ensaios das formas de resistência na história**: Crítica do capital e práxis emancipatória. Rio de Janeiro. (Tese em Serviço Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.
- FILHO, Sidney. **Juventude e política**: organização, formação e luta do Levante Popular da Juventude no estado de Pernambuco. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.
- GENTILI, P. O direito à educação e as dinâmicas de exclusão na América Latina. **Educação e Sociedade**, v.30, n.109, 2009, p.1059-1079.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LANE, S. A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia. In: LANE; CODO. **Psicologia social**: o homem em movimento. 8. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- LANE, S. **O que é psicologia social?** São Paulo: Brasiliense, 2006.
- LANE, S. Psicologia social: teoria e prática. In: RIVERO, N. org. **Psicologia social**: estratégias, políticas e implicações. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008, p.5-12.

LAUERMANN, Aline. **Entre o ritual e o teatro:** a mística nos espaços de formação de um movimento social. Dissertação (Mestrado em teatro) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

MARRO, K. **A rebelião dos que sobram:** Reflexões sobre a organização dos trabalhadores desempregados e os mecanismos socioassistenciais de contra insurgência na Argentina contemporânea. r. Rio de Janeiro-RJ. (Dissertação em Serviço Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

MARTÍN-BARÓ, I. Desafios e perspectivas da Psicologia Latino-Americana/ Para uma psicologia da libertação. Em Raquel Guzzo e Fernando Lacerda (Orgs.). *In: Psicologia Social para a América Latina: o resgate da Psicologia da Libertação*. Campinas, SP: Alínea, 2012, p.199-219.

MARTÍN-BARÓ, I. **Crítica e libertação na Psicologia:** estudos psicosociais. Organização, notas e tradução de Fernando Lacerda Júnior – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

MASSOLA, G.; SVARTMAN, B. Enraizamento, tempo e participação na Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**, 2018, p. 293-305.

MENEGAT, Marildo. Sem lenço nem aceno de adeus. Formação de massas em tempo de barbárie: como a esquerda social pode enfrentar esta questão? **Praia Vermelha**, n. 18, 2008, p.2-10.

MORTADA, S. Tempo e resistência: Ecléa e o método em psicologia social. **Psicologia USP**, 2022, p.1-10.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. v. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

SÁ, C. P. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicosocial. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 20 (2), 200, p. 290-295.

SÁ, C. P.; NAIFF D; NAIFF, L. Preciso estudar para ser alguém: Memória e representações sociais da educação escolar. **Paidéia**, 18(39), 125-138, 2008.

THOMPSON, A. Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre história oral e memória. **Revista Projeto História**, São Paulo, 1997, p. 51-84.

WEIL, S. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão.** (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1996.